



A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE ESCOLAR PARA O

DESENVOLVIMENTO MORAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Patrícia Elisabeth Ferreira ¹

Elen Daiane Quartaroli Fernandes ²

Raul Aragão Martins ³

RESUMO

Marcada pela diversidade de estilos culturais e valores, a escola se caracteriza como um espaço de conflitos e relações interpessoais. Saber como lidar com eles, de forma a utilizá-los como ferramenta de reflexão para uma consciência autônoma, se torna um desafio, mas pode favorecer a promoção da convivência dos educandos neste espaço. Essa pesquisa tem por objetivo refletir sobre a importância do ambiente escolar no desenvolvimento moral de crianças e adolescentes, a partir de uma discussão teórica sobre o tema e da análise de duas experiências, bem-sucedidas, sobre como a escola pode influenciar positivamente na construção da autonomia de seus alunos, sendo uma com crianças e a outra com adolescentes, com o intuito de promover novas ações que atuem diretamente nesse processo. Discutir sobre essa temática em programas de formação docente, se torna fundamental para que os profissionais da educação possam compreender como se estabelecem as relações interpessoais dentro da escola e como o manejo dos conflitos pode influenciar na construção da autonomia dos estudantes, facilitando assim, a convivência entre eles e o desenvolvimento da criticidade. Com base na teoria piagetiana, constatou-se que o desenvolvimento moral é resultado de um processo contínuo que ocorre por meio das relações estabelecidas entre os indivíduos e que a escola, por sua vez, é um espaço privilegiado e coletivo em que as relações são exercitadas em direção a uma construção de valores socialmente desejáveis, com respeito às diversidades e igualdade, possibilitando uma convivência mais humana e democrática entre os alunos.

Palavras-chave: Ambiente escolar, Desenvolvimento moral, Construção da Autonomia.

INTRODUÇÃO

As relações humanas é um processo historicamente construído em nossa sociedade devido a necessidade de socialização que o ser humano busca constantemente em sua vida. No entanto, atualmente, observa-se que esses relacionamentos se encontram fragilizados e desgastados pelas oposições de ideias e opiniões existentes.

Nesse contexto, a escola por sua vez, demonstra ser uma das maiores instituições que lida diretamente com esse problema, por atender milhares de educandos em todo o mundo, sendo ela um espaço de socialização por excelência. Esses encontros de culturas, estilos e

¹ Mestre em Docência para a Educação Básica pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Bauru – SP, pattyelizabethferreira@gmail.com;

² Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Marília - SP, elen.quartaroli@unesp.br;

³ Professor Orientador – Doutor em Psicologia e Docente no Curso de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Marília - SP, raul.martins@unesp.br.



valores são universos que crianças e jovens trazem em sua bagagem de vida e que ao adentrar o ambiente escolar as divergências acabam sendo inevitáveis.

Em consonância a isso, as transformações que ocorrem na sociedade trazem exigências sociais que cooperam para que os sistemas educativos se encarreguem da formação moral de seus estudantes como necessidade de educação. D'Aurea-Tardeli e Pasqualini (2011, p.192), expõe que, nas sociedades modernas, o conceito de educação "engloba igualmente a transmissão de conhecimentos e a formação de hábitos, habilidades e valores". Os autores concordam que o processo de ensino-aprendizagem e o trabalho com o desenvolvimento de valores morais deveriam ter a mesma importância dentro da escola, contudo, a responsabilidade com a formação em valores ainda é controversa neste ambiente.

Constantemente, pesquisadores e educadores, precisam refletir sobre o cotidiano escolar, na tentativa de construir alternativas sobre questões que influenciam nessa dinâmica e implicam diretamente no rendimento e na aprendizagem dos estudantes e, também, nas relações interpessoais que ocorrem entre os atores desse contexto (TREVISOL; VIECELLI; BALESTRIN, 2011). As diversidades sociais causam excessivos embates de convivência em suas mais variadas esferas: família, trabalho, igreja, sociedade e escola. O ambiente escolar e as interações que ocorrem nesse espaço vem apresentando cada dia mais desafios no que se refere às formas de convivência. Aprender a prevenir, gerir e resolver conflitos não é tarefa fácil para os docentes e gestores escolares, já que nem todas as divergências podem ser resolvidas. É bom lembrar que o ser humano é dotado de grande complexidade, e que cada um é capaz de exprimir diferentes pontos de vista sob uma mesma situação.

Diante desse contexto, pensando no ambiente escolar e nos conflitos interpessoais que diariamente se desdobram entre o alunado, surgem alguns questionamentos: Como o ambiente escolar pode influenciar positivamente o desenvolvimento moral dos estudantes? Como os educadores podem favorecer a convivência dentro da escola de modo a utilizar os conflitos para promover as relações interpessoais?

A discussão sobre essa temática surgiu a partir de reflexões proporcionadas pelo curso de uma disciplina sobre o desenvolvimento moral de crianças e adolescentes, realizada em um Programa de Pós-Graduação em Educação. Essa pesquisa tem por objetivo refletir sobre a importância do ambiente escolar no desenvolvimento moral de crianças e adolescentes, a partir de uma discussão teórica sobre o tema e da análise de duas experiências bem-sucedidas sobre como a escola pode influenciar positivamente na construção da autonomia de seus educandos, sendo uma com crianças e a outra com adolescentes, no intuito de promover novas ações que



atuem diretamente no desenvolvimento da autonomia e de destacar a relevância de se discutir a temática em programas de formação para docentes.

É interessante observar através de fundamentos da teoria piagetiana, que ainda há na escola atual o fortalecimento e a propagação de uma educação tradicional que recorre, por vezes, unicamente ao respeito unilateral, reforçando o respeito à lei e não o desenvolvimento da autonomia (PIAGET, 1930/1996). Esses fatores podem explicar uma das causas de ocorrerem tantos conflitos entre os estudantes dentro da escola, pois refletem que não há uma internalização da regra e por consequência, não há uma transformação espontânea do comportamento. Kawashima e Martins (2011) destacam que em uma sociedade, em constante transformação, é difícil para as pessoas saberem o que fazer, o que pensar ou como agir, pois existem muitas regras e opiniões que geram insegurança, além da valorização da obediência imposta pela sociedade em geral, que faz com que ocorram divergências e conflitos entre as pessoas.

Para compreender a importância dessa discussão, se faz necessário assimilar que, para a construção do conhecimento e de relações socioafetivas, o ambiente em que se estabelece essas conexões, é fator primordial de troca entre os pares, experiências, vivências e aprendizados. É preciso reconhecer que a escola pode ser considerada um desses ambientes, ou talvez o principal deles. Ela é responsável não só pela construção do conhecimento acadêmico, mas também, mesmo que não intencionalmente, pela formação humana em seus mais diferentes aspectos (social, cultural, político, afetivo, moral, dentre outros).

Sendo assim, discutir sobre esse tema se torna fundamental no processo da formação docente, para que os profissionais possam compreender como se estabelecem as relações interpessoais dentro do ambiente escolar e como o manejo dessas relações pode influenciar no desenvolvimento moral dos estudantes. Essa discussão está dividida em duas sessões, sendo a primeira a fundamentação teórica que destaca ideias sobre os aspectos do desenvolvimento moral, embasadas em teorias de estudo e pesquisa sobre o tema, e a segunda, o desenvolvimento e a discussão dos resultados obtidos, que discorre sobre a importância do ambiente escolar para o desenvolvimento moral do indivíduo, com ênfase na apresentação de duas experiências realizadas na área que influenciaram positivamente essa questão. Para finalizar, foram apresentadas as considerações finais.

METODOLOGIA



Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório e natureza qualitativa. Os dados foram obtidos por meio de reflexões advindas de diversos textos de autores que tratam sobre assunto da moralidade (PIAGET 1930/1996; 1932/1994; D'AUREA-TARDELI; PASQUALINI, 2011; LA TAILLE, 1998; 2007; 2016; VINHA; ASSIS, 2006; VINHA; TOGNETTA, 2009; FERREIRA, 2018; LUCATTO, 2019; MARQUES; TAVARES; MENIN, 2019). Essas discussões ocorreram em uma disciplina de um curso de Pós-graduação em Educação sobre o desenvolvimento moral de crianças e adolescentes e proporcionou maior entendimento sobre o tema. O intuito foi de contribuir para a prática escolar e para o trabalho docente, bem como provocar novas reflexões em cursos de formações de professores.

Gil (2002) afirma que a pesquisa bibliográfica costuma partir de um tema amplo, visando identificar o conhecimento disponível sobre o assunto na busca de resolver um problema e construir hipóteses sobre ele. O fato de ser exploratória, permite maior familiaridade com a temática tornando possível o aprimoramento de ideias e novas descobertas sobre o objeto de estudo. Quanto a análise qualitativa, o mesmo autor define que esse modelo permite a interpretação dos dados categorizando-os para a redação do relatório e proporcionando uma análise explicativa a partir das reflexões apresentadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Quando falamos sobre desenvolvimento e educação moral, a família pode ser considerada o primeiro lugar de socialização da criança, mas, além dela, a instituição escolar também colabora nesse processo de construção e formação da moralidade racional sendo de fundamental importância para a manutenção ou mudança dos valores. É na escola que se promove a convivência diária e coletiva entre as pessoas, que se vive uma vida coletiva e se propaga valores comuns que compõem a cultura do lugar onde se vive. Mesmo que isso ocorra de forma contraditória ou arbitrária, no ambiente escolar há a transmissão de valores e nem sempre há intencionalidade nisso (MARQUES; TAVARES; MENIN, 2019).

No que tange ao desenvolvimento moral no espaço escolar, principalmente nas relações interpessoais, sabe-se há uma influência direta nos discursos e comportamentos apresentados pelos educandos. Não é exagerado pensar que se queremos em nossa sociedade cidadãos mais críticos, autônomos e conscientes é preciso começar a formá-los desde os primeiros anos escolares, para que quando adultos, tenham condições de manifestar diálogos profícuos e condutas mais cordiais e humanas.



Sobre o papel do ambiente escolar no desenvolvimento moral do educando, a literatura apresenta várias reflexões sobre como e porque é importante que a escola construa condições sólidas de autonomia, cidadania e respeito. D'Aurea-Tardeli e Pasqualini (2011) concordam que a educação em valores é uma tarefa construtiva, já que a moral não está pronta e nem ocorre casualmente. Sua construção exige elaborações de caráter pessoal, social e cultural. Em concordância, La Taille (1998), aponta que para Piaget o sujeito participa ativamente de seu desenvolvimento moral, pois nas interações com a sociedade, ele constrói valores e regras. Dependendo da qualidade da assimilação racional desse processo é que se determina morais diferentes: moral heterônoma ou moral autônoma.

Sobre esse assunto, Piaget (1930/1996, p. 3-4) aborda a importância do respeito e explica que ele constitui um sentimento fundamental que torna possível a aquisição das noções morais, pois, se uma criança respeita seus pais e professores, os conselhos que esses lhes dispensam, são aceitos mesmo quando obrigatórios. Dessa forma, distingue-se dois tipos de respeito: o primeiro é o respeito unilateral, que implica em uma desigualdade entre aquele que respeita e o que é respeitado, em outras palavras, podemos dizer que é o respeito da criança pelo mais velho e implica em uma relação de coação; o segundo, é o respeito mútuo que implica em uma relação de cooperação, já que os indivíduos se consideram como iguais e se respeitam reciprocamente.

Para o mesmo autor, esses dois tipos de respeito parecem explicar a existência das morais - heteronomia e autonomia. A moral resultante do respeito unilateral é a heteronomia, já que nessa relação há uma coação moral, um sentimento de dever primitivo que é resultante da pressão do adulto sobre a criança. Já a moral decorrente do respeito mútuo seria a autonomia, pois as relações de cooperação caracterizam-se por um sentimento diferente, de reciprocidade.

Para Piaget (1932/1994), define que o indivíduo autônomo é aquele que internaliza as regras morais e as segue porque emergem de sentimentos internos. Sobre isso, Vinha e Tognetta (2009), falam que a construção das regras é um processo necessário para a criança e o adulto, que por sua vez, desempenha um papel importante de mediação, para que essas normas sejam reconhecidas e validadas como importantes. A existência de regras no relacionamento entre os pares é imprescindível para garantir a harmonia no convívio social e para regulá-las.

No entanto, a organização de regras não significa a aceitação inquestionável das normas estabelecidas, ou no que se refere ao espaço escolar, alunos bem-comportados, enfileirados, passivos e submissos à autoridade adulta. Segundo Vinha e Tognetta (2009), essa obediência pautada na punição e na coerção, pode até estabelecer a ordem momentânea ou provisória em determinadas situações, mas, dificilmente contribuirá para a construção de espaços de reflexões



e respeito, em que as atitudes sejam a expressão do valor moral que o indivíduo construiu como princípio e não mero cumprimento por medo das punições. Ainda, para as autoras, a aceitação de uma educação pautada na submissão de autoridades e na obediência sem questionamento às regras, dificilmente pode contribuir para uma educação em valores eficaz que resistam às pressões do meio externo.

A elaboração de inúmeras regras e coerções no espaço escolar é resultado de uma visão reduzida sobre qual a função do conflito no desenvolvimento das relações interpessoais. Apesar do conflito ser compreendido como algo negativo na educação tradicional, na perspectiva construtivista este é resultado das relações interpessoais e são necessários para o desenvolvimento. La Taille (2016, p. 9-10) ao tratar sobre a indisciplina, aponta que essa é uma reclamação comum na escola e envolve diretamente o desenvolvimento de valores morais. O autor expõe que a discussão sobre esse tema é delicada e dependendo da forma como for apresentada, podem ocorrer equívocos como: (1) tratar a indisciplina como falta de valores nos tempos atuais, sendo considerado um “moralismo ingênuo” já que não existe um consenso entre os educadores sobre quais valores são esses e se os mesmos estão sendo desenvolvidos de forma eficaz; (2) reduzir a importância desse tema ou tentar explicar o fato por uma única dimensão, e (3) desconsiderar a complexidade que a indisciplina traz. Não fica claro entre os educadores se há um consenso sobre o que é disciplina e quais os comportamentos que compõem esse arsenal. O que a prática educacional reflete, por meio das atitudes de muitos docentes, é que ainda se espera que o estudante obedeça (acriticamente) o professor e tudo o que for contrário a isso pode ser considerado “falta de educação” ou “falta de respeito”.

Considerando esse contexto, Tognetta (2009, p. 19-23) faz uma reflexão sobre como pensar a formação moral e ética na escola, partindo de uma realidade em que professores e estudantes já não se entendem mais e vivenciam conflitos constantes que fazem com que as relações interpessoais fiquem estremecidas. A autora ressalta que um dos objetivos da escola deve ser educar moralmente e formar eticamente seus estudantes, e, para que haja sucesso nessa missão, é preciso compreender os conceitos de moral e ética, já que no ambiente escolar são tratados como sinônimos, contudo, têm suas singularidades. Para ela “a moral representa um conjunto de regras que nos permitem pensar em como devemos agir para o bem alheio”. Já a ética dá sentido a uma ação realizada por alguém.

Se o desenvolvimento da autonomia moral no ambiente escolar por meio de relações mais justas, respeitosas e solidárias deve ser um objetivo a ser alcançado, é necessário que os educadores se sintam seguros em abordar e desenvolver conceitos pertinentes ao tema, para assim, favorecer um contexto educativo pautado na construção da autonomia e de valores. Para



isso, aprender a lidar com os conflitos escolares de forma positiva é uma necessidade urgente que os profissionais da docência precisam buscar, entendendo que essas divergências são naturais da condição humana, pois cada indivíduo percebe o mundo de uma forma única e esse processo é essencial para o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e de um ambiente escolar sustentável.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para exemplificar como o ambiente escolar é importante para o desenvolvimento moral dos educandos, este artigo apresenta o relato de duas pesquisas bem sucedidas envolvendo o tema da educação moral e a formação em valores na escola que demonstram a influência e a eficácia desta abordagem no ambiente escolar, sendo a primeira, realizada por Ferreira (2018), com crianças entre 8 e 10 anos, sobre o valor moral da honestidade e, a segunda, realizada por Lucatto (2019), com adolescentes sobre os domínios sociais. A intenção aqui é contribuir com o desenvolvimento de novas possibilidades de pesquisas nessa área e de elucidar prática pedagógicas em sala de aula que promovam a autonomia, a criticidade e a formação moral.

A pesquisa realizada por Ferreira (2018), intitulada “A honestidade como valor moral: uma construção possível e necessária na escola”, foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Docência para Educação Básica da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, de Bauru. O objeto de estudo foi o valor moral da honestidade no ambiente escolar, sendo a intenção da autora diagnosticar como crianças do 3º ano do ensino fundamental poderiam aprender e internalizar esse valor e, ainda, como responderiam às propostas de atividades pedagógicas, denominadas neste trabalho como Programa de Intervenção. A pesquisa contou com a participação de 24 crianças, de uma escola pública do interior paulista e utilizou como instrumento para coleta e análise de dados o pré e pós-testes com situações que diagnosticavam a importância que as crianças atribuíam ao valor moral da honestidade. A metodologia adotada foi a pesquisa-intervenção de abordagem qualitativa, na qual a pesquisadora atuou como observadora-participante, sendo proposto um Programa de Intervenção, com 20 atividades educativas que abarcavam vivências reais do dia-a-dia, dilemas morais, jogos lúdicos, histórias da literatura infantil e trabalhos coletivos e cooperativos, sendo suporte estratégico para a promoção de diálogos reflexivos sobre a importância de ser honesto nas situações cotidianas da vida, como por exemplo, não pegar pertences alheios, não mentir, não furar fila, não querer tirar vantagens, devolver o troco que recebeu a mais, entre tantos



outros. Posteriormente a isso, eram proporcionados momentos para discutir quais consequências esses atos poderiam trazer para a vida do indivíduo que as praticasse.

Para melhores resultados, as atividades foram trabalhadas na rotina do horário regular de aula, realizadas três vezes na semana, nas áreas e disciplinas existentes no currículo, articulando o tema honestidade com as questões sociais vivenciadas na atualidade e no convívio escolar.

Os resultados obtidos foram consequências de oito meses de trabalho e a quantidade de atividades desenvolvidas ganharam consistência ao longo do percurso favorecendo o aprendizado estruturado e ascendente. Garantir regularmente esses momentos proporcionou uma convivência mais respeitosa e maior cooperação no relacionamento interpessoal do grupo, prevalecendo ao final do trabalho ideias e comportamentos de caráter coletivo. O Programa de Intervenção contribuiu nas reflexões e tomada de decisões mais justas, solidárias e de benefício da coletividade.

Na aplicação do pós-teste, foi possível observar que o grupo pesquisado demonstrou raciocínio elevado de percepção, discernimento, equilíbrio e consciência mais elevada de autonomia frente aos dilemas morais apresentados e, até mesmo, aqueles que surgiram no dia-a-dia da convivência, sempre exercitando a cooperação, a justiça, a empatia e a cidadania.

A utilização de metodologias em formato colaborativo e de respeito mútuo em que as crianças puderam aprender de forma lúdica, demonstraram eficácia confirmando a viabilidade do trabalho com a educação moral, especialmente no ensino e construção do valor moral da honestidade, por meio de procedimentos metodológicos possíveis e adequados à faixa etária dos educandos, de maneira inter e transdisciplinar em que a honestidade não seja ensinada passivamente, mas vivenciada em situações reais de aprendizagem.

Em consonância, Lucatto (2019) em sua tese de doutorado intitulada “A visão dos jovens sobre os conflitos interpessoais no ambiente escolar: contribuições da Teoria dos Domínios Sociais”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Unesp – Marília, relatou sobre o que pensam os jovens sobre os conflitos interpessoais presentes na escola. O objetivo principal de sua pesquisa foi investigar como os adolescentes julgam e avaliam os conflitos presentes nas relações interpessoais que se dão no ambiente escolar. A pesquisa foi realizada em uma escola de ensino médio com uma amostra de 137 adolescentes de ambos os gêneros. Foi uma pesquisa de caráter descritivo e para a coleta de dados os alunos responderam a uma entrevista estruturada com quatro histórias-estímulo, elaboradas a partir da teoria dos domínios sociais, de Eliot Turiel, que embasa o trabalho, e de observações feitas pela pesquisadora no ambiente escolar. Com o intuito de



analisar quais os critérios e as categorias de julgamentos usados pelos jovens sobre as situações de conflitos, assim como a percepção que os estudantes têm sobre o papel da autoridade na resolução desses, constatou-se que os jovens reconhecem e diferenciam suas ações como apropriadas ou não diante de uma situação de conflito.

A pesquisa de Lucatto (2019) ressalta que os adolescentes realizam julgamentos morais e apresentam capacidade para diferenciação dos domínios sociais, contudo, para que se desenvolvam e ajam moralmente, é importante que tanto a família quanto a escola reconheçam o processo de desenvolvimento e se apropriem de estratégias eficazes e coerentes que compreendam o desenvolvimento social dos indivíduos.

Tanto a pesquisa de Ferreira (2018) quanto a pesquisa de Lucatto (2019) destacam que a escola é um ambiente propício para o desenvolvimento moral de crianças e adolescentes, ressaltando a importância da construção de valores morais e da atuação dos profissionais docentes na mediação e manejo dos conflitos interpessoais, reforçando a ideia do desenvolvimento frequente e constante de programas/práticas de intervenção e de formação de professores e orientação aos familiares no que tange essa problemática.

Alinhada a uma proposta contemporânea e as demandas do século XXI, a escola traz como desafio a formação do sujeito autônomo, crítico, responsável consigo mesmo e com o mundo, capaz de estabelecer um processo formativo, articulando o conhecimento formal e experiências educativas que os educandos possam ter dentro e fora dela. Essa metodologia favorece aprendizagens importantes para o desenvolvimento integral do sujeito e possibilita maior ascensão moral.

Outro fator importante que a escola pode fomentar como prática para um ambiente mais democrático é a promoção da criatividade, participação ativa e cooperação, garantindo o contato e a construção das relações com o meio e com os pares no exercício da consciência coletiva e da empatia. De acordo com Tognetta e Assis (2006) com base nos pressupostos teóricos da psicologia da aprendizagem desenvolvidos por Piaget, nas relações interpessoais, a cooperação é um elemento central na constituição de um ambiente democrático, onde o sujeito passa a identificar outros pontos de vista para além do seu. Deste modo, a escola configura-se como um lugar privilegiado na construção da autonomia moral.

Vale frisar que a mediação dos profissionais da educação também é papel indispensável nesse processo, principalmente nas intervenções que se fizerem necessárias, com diálogo, afetividade e construção coletiva, repelindo todo e qualquer tipo de coerção, autoritarismo e obediência inconsciente. Dessa forma, será possível iniciar, ainda que discreta, uma ruptura da



manutenção de sistemas de regras que por séculos foram implantados na escola e que perpetuam sem o menor sentido de existirem.

Para a constituição do desenvolvimento moral, a escola deve possibilitar momentos que permitam a tomada de decisão na solução de conflitos, a reflexão sobre ações e atitudes, a liberdade de expressão, de modo que o educando se perceba atuante no espaço educativo e nas relações sociais.

A teoria piagetiana, diz que as crianças devem ser expostas à cooperação e que a escola deve proporcionar momentos pedagógicos em que os educandos possam participar não só da execução das atividades, mas também de seu planejamento, despertando assim, o sentimento de pertencimento daquele ambiente e que se sintam corresponsáveis por tudo o que acontece nele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com a educação moral no ambiente escolar significa a possibilidade de desenvolver uma formação autônoma com atitudes reflexivas e críticas acerca das regras e dos valores que norteiam o indivíduo. Utilizar os conflitos que ocorrem diariamente na escola como forma de reflexão moral, diálogo e construção de valores é criar mecanismos de socialização em que o estudante terá a oportunidade de aprender a viver em sociedade e de reconhecer o outro numa perspectiva diferente da sua, no que se refere aos desejos, pensamentos e atitudes distintas. Aí se estabelece o exercício do respeito, da empatia e da cidadania para se viver bem.

Ambas as pesquisas discutidas aqui, demonstraram que o ambiente escolar é fundamental para o desenvolvimento moral dos indivíduos, sejam eles crianças ou adolescentes. Constatou-se também, a importância dos professores se apropriarem das teorias do desenvolvimento moral e de ações coerentes que favoreçam essa prática no dia a dia escolar, tornando cada vez mais necessário o desenvolvimento de novas pesquisas dentro da escola que envolvam os desdobramentos da moral e da ética com a finalidade de formar cidadãos críticos, conscientes de suas ações no meio em que convivem e participantes ativos do seu processo de desenvolvimento.

Ressalta-se a importância de programas de formação continuada para que os docentes não só apropriem das teorias do desenvolvimento moral, mas que possam inseri-las em sua prática diária para favorecer positivamente as relações interpessoais dos educandos.

Pode-se assim, concluir que, o desenvolvimento moral é resultado de um processo contínuo que ocorre por meio das relações estabelecidas entre os indivíduos, e, a escola, que



por sua vez, é um espaço privilegiado e coletivo em que as relações são exercitadas em direção a uma construção de valores socialmente desejáveis, com respeito às diversidades e com vistas à igualdade, possibilitando uma convivência mais humana e democrática.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, P. E.. A honestidade como valor moral: uma construção possível e necessária na escola. 186f. Dissertação de Mestrado em Educação. **Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”**, Bauru, 2018.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo, SP: **Atlas**, 2002.

KAWASHIMA, R. A.; MARTINS, R. A.. Condutas de discriminação entre crianças da Educação Infantil. IN:____ TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Conflitos na instituição educativa: perigo ou oportunidade? Contribuições da Psicologia, Campinas - SP: **Mercado das letras**, 2011. p. 57-88.

LA TAILLE, Y. A construção da personalidade moral: prefácio a edição brasileira. In:____ PUIG, Josep Maria. A construção da personalidade moral. São Paulo: **Editora Ática**, 1998.

_____. Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: **Artmed**, 2007.

_____. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In:____ AQUINO, J. G.. Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas. 18 ed. São Paulo: **Summus**, 2016. p. 9-24.

LUCATTO, L. C.. A visão dos jovens sobre os conflitos interpessoais no ambiente escolar: contribuições da teoria dos domínios sociais. 152f. Tese de doutorado em Educação. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – **Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências**, Marília, 2019.

MARQUES, C. A. E.; TAVARES, M. R.; MENIN, M. S. S. Valores sociomoraís: reflexões para a educação (1). Americana, SP: **Adonis**, 2019.

PIAGET, J. O juízo moral na criança. São Paulo: **Summus**, 1932/1994.

_____. Os procedimentos de Educação Moral. In. MACEDO, L. Cinco estudos de educação moral. São Paulo: **Casa do Psicólogo**, 1930/1996.

D’ÁUREA-TARDELI, D.; PASQUALINI, A. R. B.. Educação em Valores: possibilidades de intervenção pedagógica na resolução de conflitos escolares. In:____ TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Conflitos na instituição educativa: perigo ou oportunidade? Contribuições da Psicologia, Campinas - SP: **Mercado das letras**, 2011. p. 191-228.

TOGNETTA, L. R. P.; ASSIS, O. Z. M. A construção da solidariedade na escola: as virtudes, a razão e a afetividade. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, V. 32, N. 1, P. 49-66, jan./abr. 2006.

TOGNETTA, L. R. P. A formação da personalidade ética: estratégias de trabalho com afetividade na escola. Campinas, SP: **Mercado das letras**, 2009.



TREVISOL, M. T. C.; VIECELLI, D.; BALESTRIN, C.. A (In)disciplina na instituição educativa: cartografando o fenômeno. In: _____ TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Conflitos na instituição educativa: perigo ou oportunidade? Contribuições da Psicologia. Campinas - SP: **Mercado das letras**, 2011. p. 89-134.

VINHA, T. P.; TOGNETTA, L. R. P. Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais dos valores. **Revista Educ.**, Curitiba, V. 9, N. 28, P. 525-540, set/dez, 2009.

VINHA, T. P.; TOGNETTA, L. R. P. Valores em crise: o que nos causa indignação? In: _____ LA TAILLE, Y.; MENIN, M. S. S. Crise de valores ou valores em crise? Porto Alegre: **Artmed**, 2009.